

ANTHONY DOYLE

# O LAGO SECOU

TRADUÇÃO DE  
ÉRICO ASSIS

ILUSTRAÇÕES DE  
LARISSA RIBEIRO



Copyright do texto © 2012 by Anthony Doyle  
Copyright das ilustrações © 2012 by Larissa Ribeiro

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original  
The lake dried up

Preparação  
Camila Saraiva

Revisão  
Ana Luiza Couto  
Thaís Totino Richter

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Doyle, Anthony  
O lago secou / Anthony Doyle ; tradução de Érico Assis ;  
ilustrações de Larissa Ribeiro. — 1<sup>a</sup> ed. — São Paulo : Companhia  
das Letrinhas, 2012.

Titulo original: The lake dried up.  
ISBN 978-85-7406-550-2

1. Ficção — Literatura infantojuvenil. I. Ribeiro,  
Larissa. II. Título.

---

12-10445 CDD-028.5  
Índices para catálogo sistemático:  
1. Ficção : Literatura infantil 028.5  
2. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5

2012

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORASCHWARCZ S.A.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil  
Telefone: (11) 3707 3500  
Fax: (11) 3707 3501  
[www.companhiadasletrinhas.com.br](http://www.companhiadasletrinhas.com.br)  
[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)



**U**ma menina vivia às margens de um pequeno lago no cerrado, ao sopé de uma imensa montanha. Ela passava a maior parte do dia nadando na água lamaçenta e mergulhava para caçar sapos e tilápias. Num verão, a chuva não veio. O nível da água baixou e continuou baixando, até que, ao fim de longos meses de seca, não havia água suficiente para nadar. O lindo lago da menina agora não passava de um lamaçal, com peixes mortos e sapos infelizes. Sem ter onde nadar, ela também começou a secar e entrustecer.

Certa manhã, vasculhando o céu à procura de algum sinal de nuvem ou de mudança no clima, ela percebeu que não ia chover. Pelo menos não tão cedo, ou talvez nunca mais... Então a menina foi consultar os anciãos do vilarejo para saber quando a chuva viria e onde mais ela poderia nadar.

- Apenas no mar, querida.
- Onde fica?
- É muito longe. Está vendo aquelas montanhas bem distantes?
- Claro, elas sempre estiveram ali.
- Bem, querida, o mar está depois delas. Se quiser nadar, vai ter que atravessar aqueles picos.

As montanhas eram negras e altas, e ela não fazia ideia do que poderia encontrar ao escalá-las. Mas tinha duas opções: ir atrás do mar ou continuar sem ter onde nadar — e nadar era o que ela mais gostava de fazer. Então colocou as roupas na mochila, foi à cozinha pegar frutas, uma caixa de leite, uma garrafa de suco, biscoitos e milho verde, e partiu rumo às montanhas.

Depois de um bom tempo andando de bicicleta, desviando dos buracos do cerrado, ela chegou ao sopé de uma extensa cordilheira. Sentiu um calafrio ao olhar para cima. Aquilo era realmente um monstro, uma coisa sombria e que dava medo. A menina pensou em dar meia-volta, pular na bicicleta e voltar para o seu lago seco, mas a curiosidade quanto ao mar distante crescia e deu a ela coragem para encarar a subida.

Era uma encosta das mais difíceis. Ela tinha medo de olhar para baixo, pois seus pés não paravam de escorregar em pedras soltas, e quase caiu várias vezes. Quando chegou a uma saliência um pouco menos estreita, sentou-se para descansar. Lá de cima, sua bicicleta parecia um risquinho vermelho numa vasta superfície bege. A vila em que morava era uma mancha escura com um ou outro fio de fumaça a sair de fornos que não se via. E o lago? Bom, ela não o enxergava; ele estava longe demais. O céu começava a ficar vermelho, como se o sol fosse uma gota de tinta sobre um papel molhado, e a menina continuou a subir, agora com pressa e um pouco de receio. Logo iria anoitecer. De repente, ela ouviu um barulho:

— Boa taaaaarde.

Ela olhou para a esquerda e tomou um susto. Um bode, velho e enrugado, com cachos de barba cinzenta, estava em cima de uma rocha, quase sem espaço na pedra para seus quatro cascos.

— Boa tarde, hã... senhor bode.

O bode fez uma mesura cavalheiresca.

— Percebo que a jovem senhoriiita não está perdiida, pois vem subindo a montaaaanha. Portaaaanto, creio que saaaabe aonde quer cheaaaaar, e o único caminho erraaaado é para baaaaixo. Então perguuuuunto: será que a senhoriiita não está meio confuuusa?

A menina olhou nos olhos do velho bode. Que metido!

— Confusa? Mas claro que não. Como assim, confusa?

— Nesse ritmo, a senhoriiita vai chegar ao topo à meia-nooooite e terminarááá a descida ao alvoreceeeeer. O normal é fazer o contráááario...

A menina parou e pensou. E daí? Quem disse que existe uma hora certa para subir e uma hora certa para descer?

— Desde quando, senhor bode, as montanhas são relógios? — ela perguntou.

— Desde seeeempre — ele respondeu.

— Explique, por favor, senhor bode...

— É siiiimples: quando você sobe com o soooool, você caminha ao longo do diiiia. Mas quando você começa a escalaaaar ao cair do soooool, você acaba caminhando no escuuuuro, e iiiisso não é recomendável por aquiiii, nem para um boooode.

— Por quê? Eu não tenho medo do escuro!

— Mas você tem meeeeedo de cooooobras, não tem?

Os olhos da menina arregalaram-se. Cobras! Ela não tinha pensado em cobras.

— Bem — ela disse, tentando esconder o medo. — É claro que as cobras não me agradam. Quer dizer, não tenho nada contra elas, desde que fiquem longe de mim.

— Mas é a senhoriiita quem está indo na direção deeeelas, não éééé?

A menina não queria saber de brincadeiras. Lá estava ela na encosta da montanha, o sol a descer veloz, uma montanha inteira pela frente, e este bode dando uma de sabichão!

— Se você, senhor bode, não tem nada a contribuir, então, por favor, me dê licença, pois tenho um longo caminho pela frente e não há tempo para brincadeiras. Adeus, senhor bode...

O bode a fitou nos olhos.

— Tuuuudo que eu disse a você foi para ajudááá-la, eu não brinco com as palaaaavras, são elas que brincam entre siiii. Mas se o que você quer é silêêêêêncio, deixe eu lhe dar uma caroooona até o cuuuume, onde você terá bastante silêêêêêncio.

A menina parou e pensou. Ela não confiava muito no bode, mas gostaria de pegar uma carona. Suas pernas estavam cansadas e a subida era íngreme.